

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Nº 39

Motivação Social e
Contribuição Científica
na Obra de Walras*

Dionísio Dias Carneiro



PUC-Rio – Departamento de Economia
www.econ.puc-rio.br

Dezembro de 1982

*Uma versão do presente trabalho foi preparada para servir de apresentação à edição brasileira do *Abregé des Éléments d'Économie Politique Pure*, publicada pela Abril Cultural, série *Os Economistas*. O autor agradece a Marcelo de Paiva Abreu, Pérsio Arida, Edmar Bacha, Winston Fritsch e Francisco Lopes pelos comentários e correções feitas a versões preliminares, assumindo a responsabilidade pelos erros e emissões remanescentes.

I. Introdução

Marie-Esprit Léon Walras nasceu em Évreux, departamento de Eure, na Normandia, em 16 de dezembro de 1834, filho de Antoine Auguste Walras e de Louise-Aline de Sainte Beuve. Walras é uma dessas personalidades cujo caráter controvertido deixa tarefa árdua para quem tenta capturar em poucas palavras a natureza de sua contribuição para o desenvolvimento da economia como ciência e como instrumento relevante para melhor compreender o funcionamento de uma sociedade moderna. A natureza das dificuldades de uma apreciação sucinta de sua obra bem pode ser ilustrada pelas afirmações do Professor Michio Morishima na introdução de seu recente livro sobre os aspectos mais negligenciados da obra de Walras:

“Considero que vale a pena escrever [um livro sobre a economia de Walras] porque acredito que Walras é mal compreendido pela maioria daqueles que o estudam, mesmo por aqueles economistas que se especializaram na chamada teoria walrasiana do equilíbrio geral. Existem apenas algumas exceções: acredito que provavelmente, nem mesmo o próprio Walras compreendeu perfeitamente a significância e as implicações de suas próprias contribuições”¹.

Para a maioria dos economistas, mesmo para os de formação acadêmica mais apurada, o nome de Walras é usualmente associado com as abstrações da teoria do equilíbrio geral, parte da teoria econômica que se ocupa da natureza e das implicações da interdependência dos fenômenos de mercado. A complexidade dos mecanismos de formação de preços em suas construções mais completas, que englobam a natureza dos incentivos privados, os problemas gerais de coordenação das atividades descentralizadas de produção, consumo, geração de poupanças e alocação de fundos para novos projetos, costuma atrair apenas uma pequena minoria de profissionais, em geral afetos às construções mais abstratas. Para a grande maioria, sua obra é tida como um exemplo da aridez que pode resultar do uso de técnicas matemáticas mais sofisticadas no tratamento de questões econômicas. Apesar dessa visão de esterilidade, expressões técnicas como “tâtonnement”, “lei de Walras”, “numéraire”, “encaisse désirée”, e outras fazem parte do vocabulário corrente dos textos expositivos elementares nos quais esses mesmos profissionais adquirem seus conhecimentos básicos de análise econômica, e são como rastros da contribuição walrasiana, que atestam minimamente a dívida intelectual da profissão para com este ilustre, obscuro e controvertido fundador da moderna metodologia em economia.

A verdade é que se trata de um economista pouco lido, raramente citado no original, e melhor conhecido apenas por aqueles raros exegetas da história do pensamento econômico que se preocupam em formar ideias próprias acerca dos fundamentos e princípios básicos que ocupam a atenção dos

¹ Morishima, M. *Walras's Economics*, Cambridge University Press, 1977. Tradução do autor.

construtores do moderno pensamento econômico. Para os que não se contentam com as versões e transcrições que povoam os compêndios, a leitura de Walras no original é indispensável pela riqueza de seus “insights”, pelo tom moderno de suas preocupações metodológicas, e pelo respeito que transmitem suas reflexões sobre questões de princípios, sem esquecer que a seriedade dos tratamentos científicos não justifica que se percam de vista os objetivos finais de fornecer elementos úteis para a condução da política econômica.

A exemplo de outros eminentes economistas como John Stuart Mill e John Maynard Keynes, Walras era filho de um economista de certa importância, que se destacou por procurar no conceito de escassez a noção de valor econômico. Três anos após o nascimento de Walras, Antoine-Auguste Walras (1801-1866) publicava *De la Nature de la Richesse et de l'Origine de la Valeur* (Évreux, 1837), que se insere entre as contribuições utilitaristas pré-marginalistas. Auguste Walras propôs que o conceito de Utilidade total dos Utilitaristas fosse substituído pelo de escassez (por ele denominada de “rareté”). Seu trabalho cresce em importância especialmente se for contrastado com o pano de fundo do pensamento francês da época, do qual Jean-Baptiste Say (1767-1832) é considerado o maior expoente².

É difícil exagerar a influência de seu pai na formação de sua herança doutrinária, no desenvolvimento de sua “visão” da economia e até mesmo no tom de suas preocupações em termos de política econômica. Segundo a própria opinião de Walras, um de seus principais resultados analíticos foi haver enunciado, independentemente de seus contemporâneos (o austríaco Carl Menger (1840-1921), o alemão Hermann-Henri Gossen (1810-1858) e o inglês William Stanley Jevons (1835-1882)), o princípio da utilidade marginal decrescente, segundo o qual, quantidades sucessivas de um bem geram acréscimos de satisfação progressivamente menores ao consumidor. A noção de utilidade marginal permitiu dar sentido econômico, a nível do agente individual, ao conceito de escassez preconizado por seu pai, e pelo próprio Walras apresentado como “a intensidade da última necessidade satisfeita por uma quantidade consumida de uma mercadoria”³. Suas contribuições aos pilares da construção marginalista, entretanto, como veremos adiante, em muito ultrapassaram a mera introdução do conceito de utilidade marginal e, portanto, não podem ser vistas apenas como uma continuação da obra paterna.

Ao conferir sentido operacional ao conceito de escassez do ponto de vista individual, entretanto, Walras contribuiu de forma substantiva para dar funcionalidade à doutrina do “Utilitarismo” nos modelos econômicos. Os patronos filosóficos desta doutrina (para usar a expressão de Schumpeter), os ingleses James Mill e Jeremy Bentham, postulavam ser o estudo do comportamento hedonista do

² Avaliações mais modernas tendem a reconhecer em Augustin Cournot o mais importante teórico francês da primeira metade do século XIX, seja pela atualidade de suas contribuições na teoria dos mercados imperfeitos, seja pelo avanço que constitui seu tratamento matemático da economia, qual lhe valeu o desconhecimento por parte dos contemporâneos.

³ Ver parte II, Lição 9.

indivíduo em sociedade a fonte primária da construção científica da economia: segundo o Utilitarismo, em primeiro lugar, os fundamentos da análise econômica deveriam estar centrados sobre o comportamento individual dos agentes econômicos, em segundo lugar, a base da noção de valor deveria ser a “utilidade”, espécie de “desejo abstrato” que se contraporia à noção de trabalho abstrato da tradição de Adam Smith, David Ricardo e Karl Marx.

O quadro de sua herança doutrinária pode ser completado mencionando-se a influência de Jean-Baptiste Say, de cujos seguidores foi um crítico pertinaz, mas através de quem a tradição francesa em economia, de Cantillon, Quesnay, Turgot e Condillac, lhe foi transmitida. Finalmente, Augustin Cournot, representando uma vertente diversa de influência, destaca-se pela utilização dos métodos de cálculo diferencial na formalização dos modelos econômicos. A posição de Walras quanto aos usos da matemática em modelos econômicos pode ser ilustrada por seus comentários aos autores franceses que lhe precederam que aparecem ao final do capítulo introdutório da versão didática dos *Éléments*, no qual se refere aos críticos do uso de cálculo diferencial nos modelos econômicos, como Leroy-Beaulieu como exemplo de “uma completa ignorância acerca do caráter da aplicação da matemática à economia política teórica, bem como dos recursos da própria matemática”⁴.

A formação acadêmica de Walras iniciou-se no College de Caen em 1844, tendo-se bacharelado em artes e em ciências no Lycée de Douai em 1851 e 1853, respectivamente. Após uma tentativa frustrada de ingressar na École Polytechnique optou em 1854 pela École des Mines, onde iniciou seus estudos para tornar-se um engenheiro de minas. Apesar da influência paterna, que o levaria naturalmente para a formação e atividades acadêmicas, Walras abandonou o curso de engenharia pela atividade de colaborador autônomo de vários periódicos da época, em particular o “Journal des Économistes” e “La Presse”, destacando-se como um lutador pelas causas da reforma social. Nestas atividades, que consumiram grande parte do que seria hoje considerado o período normal de sua formação acadêmica, também Walras revelou-se um seguidor das ideias do pai, com quem se comprometeu, em 1858, aos vinte e três anos de idade, a dedicar sua vida ao estudo sistemático de economia. Segundo um de seus biógrafos, Antonelli, não obstante Walras ter-se notabilizado, em suas atividades jornalísticas, pela luta em prol da estatização das terras, “difícilmente será lembrado por sua contribuição às causas da reforma social”⁵. A razão básica parece residir no fato da importância de sua contribuição acadêmica ser tão esmagadora no que se refere às questões de natureza formal da teoria do equilíbrio geral, da teoria monetária e da teoria do capital, que as questões de substância de política econômica, em geral referidas aos problemas específicos de sua época, perdem relevo quando se considera o conjunto de sua obra. Walras acreditava que a defesa da reforma social só poderia ser empreendida de forma científica, se fossem revistas as bases analíticas do

⁴ Página 6 do original. Tradução do autor.

⁵ Antonelli, E. “Walras, Marie-Esprit Léon”, *Encyclopædia of the Social Sciences*, vol. XV, Macmillan, N. York, 1934.

pensamento econômico de então, que opunha o racionalismo reacionário de Say ao emocionalismo bem-intencionado dos chamados “socialistas utópicos” (especialmente Proudhon, Fourier e Saint-Simon). A busca de bases científicas para os argumentos de política econômica resume sua agenda básica de pesquisa teórica, e constitui, como veremos adiante, um importante legado para as gerações de economistas que o sucederam.

Somente em 1870 logrou obter uma posição docente em Lausanne, tendo-se aposentado em 1892, já como economista consagrado cuja influência se fez sentir depois de sua morte, em 4 de janeiro de 1910, talvez em intensidade bem maior do que durante sua vida, como veremos nas seções seguintes.

II. Walras e a Escola de Lausanne

A entrada formal de Walras na Academia deveu-se à apresentação de um trabalho em congresso internacional sobre questões de tributação, em Lausanne, no ano de 1860. O trabalho impressionou vivamente um cidadão de nome Louis Ruchonnet, que anos mais tarde tornou-se chefe do Departamento de Educação do cantão de Vaud, fundou uma cadeira de Economia Política na Faculdade de Direito da Universidade de Lausanne e deu-a a Walras. Após ocupar a cátedra por vinte e dois anos, período mais produtivo de sua vida, foi sucedido, em 1892, por Vilfredo Pareto.

A continuidade metodológica, mais do que a comunhão ideológica de Pareto com Walras, foi talvez a principal responsável pela vulgarização indevida de uma suposta “escola de Lausanne”, mencionada pelos compêndios de história do pensamento. As ideias de defesa do sistema capitalista vulgarmente asso ciadas ao nome de Lausanne são certamente mais devidas a Pareto do que a Walras.

Pareto foi um nobre italiano ultraconservador, com formação de engenheiro, como Walras, que se notabilizou, entre outras coisas, por ser um grande divulgador das ideias e das construções de seu antecessor e por desenvolvimentos analíticos não desprezíveis na teoria do equilíbrio geral, em particular na conceituação econômica de eficiência social. Publicou em 1916 um importante *Tratado de Sociologia Geral*, famoso pelo desenvolvimento que apresenta de uma “teoria das elites”, e dedicou-se a utilizar o instrumental analítico do equilíbrio geral walrasiano para fundamentar sua defesa da não intervenção do estado em questões distributivas. A partir da publicação da edição francesa do seu *Manual de Economia Política* (1909), o sistema walrasiano ficou indissolúvelmente associado à doutrina do “laissez-faire”, e a chamada escola de Lausanne, para a infelicidade de Walras, tornou-se um símbolo da esterilidade matemática ou da defesa irrestrita das instituições capitalistas⁶.

⁶ É ilustrativo da ignorância acerca do papel singular de Walras que o historiador Alexander Gray em seu *The Development of Economic Doctrine* (Wiley, 1931) tenha excluído Walras de seu texto “por falta de espaço”, dedicando-

No necrológio de Walras escrito por Pareto para o *Economic Journal*⁷, as diferenças de ponto de vista entre os dois expoentes de Lausanne transparecem em toda sua clareza, como ilustram as seguintes passagens: “O trabalho de Walras é complexo, e torna-se inteligível somente quando analisamos seus elementos. Ele próprio lhe atribuía importância como a expressão de um reformista. Mas esta não é sua característica dominante, de um ponto de vista científico”. Depois de descartar as ideias reformistas de Walras como simples fruto da influência que recebeu de seus contemporâneos franceses, expressa a opinião de que “felizmente, entretanto, para a ciência, (Walras) sentiu necessidade de lançar uma base sólida para seus esquemas reformistas, e assim, foi levado a reexaminar as bases da economia”. E conclui que “Walras fez para a economia política o que Lagrange fez para a mecânica racional e sua fama está fadada a crescer com cada avanço da ciência”.

III. A Obra de Walras

A obra escrita de Léon Walras é rica e variada, tanto em seus aspectos temáticos quanto estilísticos. William Jaffé, certamente a maior autoridade contemporânea em Walras, e responsável pela tradução de seu principal livro para a língua inglesa, menciona uma bibliografia de 129 itens, escritos entre 1850 e 1910⁸. Suas primeiras contribuições apareceram na forma de artigos curtos publicados no “Journal des Économistes” durante a década de 1850, certamente graças à influência de seu pai. A partir de 1860, suas contribuições frequentes a “La Presse” explicam a opinião corrente entre os historiadores de que se dedicava a atividades “jornalísticas”. O caráter técnico de suas refutações às doutrinas de Proudhon, entretanto, bem como de outros textos esparsos do período sugerem que suas atividades anteriores à cátedra de Lausanne só não são usualmente classificadas de “acadêmicas” por não ter Walras logrado obter uma posição docente na França, e não pela qualidade ou pela profundidade dos seus trabalhos de pesquisa teórica e aplicada. Vários dos textos produzidos nesse período foram mais tarde elaborados por Walras, primeiramente como notas de aulas para seus cursos em Lausanne e finalmente publicados nos *Études d'Économie Sociale* e nos *Études d'Économie Politique Appliquée*⁹.

O núcleo básico da obra que consagrou Walras como economista encontra-se nos *Éléments d'Économie Politique Pure* (ou La Théorie de la Richesse Sociale), cuja primeira versão apareceu em

lhe uma nota de rodapé na qual refere-se ao mesmo como um “fundador não-austríaco da Escola Austríaca”. Ver citação em Donald Walras, “William Jaffé, Historian of Economic Thought (1898-1980)”, *American Economic Review*, 71,5 (Dezembro 1981), pp. 1.013.

⁷ Pareto, V. “Walras”, *The Economic Journal*, março de 1910, pp. 137-140.

⁸ Jaffé, W. “Translator’s Note”, nota introdutória à versão inglesa dos *Éléments d'Économie Politique Pure*. Ver Walras, L. *Éléments of Pure Economics*, Allen and Unwin, Londres, 1954.

⁹ Ver: Walras, L. *Études d'Économie Sociale* (Théorie de La Repartition de La Richesse Sociale), Édition Définitive, organizada por G. Leduc, Lausanne e Paris, 1936 e Walras, L., *Études d'Économie Politique Appliquée* (Théorie de la Production de la Richesse Sociale), Édition Définitive, organizada por G. Leduc, Lausanne e Paris, 1936.

1874, e que mereceu cinco edições preparadas pelo próprio autor respectivamente em 1877, 1889, 1896 e 1900, além da edição definitiva organizada por Gaston Leduc em 1926. Esta constitui a fonte mais frequente das referências modernas. Segundo o próprio Walras, os *Éléments* deveriam constituir o primeiro volume de uma tríade correspondente aos três cursos que ordinariamente ministrava a cada ano em Lausanne entre 1870 e 1892. Os demais volumes vieram ao público em 1896 (Economia Social) e 1898 (Economia Política Aplicada) mas só foram publicados em versão definitiva após sua morte, graças ao empenho de Gaston Leduc e de sua filha, Aline Walras, em 1936.

Além desses livros, Walras publicou um tratado em 1883 intitulado *Théorie Mathématique de la Richesse Sociale*¹⁰ e uma versão condensada dos *Éléments*, cuja tradução para a língua portuguesa é agora apresentada. Esta versão foi preparada pelo próprio autor com o objetivo de oferecer uma exposição dos aspectos que reputava mais importantes de sua teoria em estilo mais leve do ponto de vista formal, e com finalidade eminentemente didática. A substituição dos argumentos analíticos do tratado original por ilustrações geométricas e argumentos heurísticos logrou que se obtivesse um trabalho bem mais facilmente compreensível por um público não especialista.

A obra está dividida em oito partes que agregam trinta e oito capítulos na versão condensada (quarenta e dois na versão original). A parte I é introdutória e situa o pensamento de Walras em relação aos seus predecessores. As partes II, III e IV contém a exposição do que é considerado normalmente o esquema analítico walrasiano: a teoria da troca pura bilateral, a teoria da troca multilateral e a teoria do equilíbrio geral da produção.

O modelo da troca bilateral serve como expediente didático para evidenciar os principais elementos constitutivos do problema de conflitos de interesses de dois agentes no mercado, que atuam procurando fazer prevalecer seu interesse próprio. O modelo da troca pura multilateral expõe o mecanismo básico de formação de preços em mercados competitivos, abstraindo-se as questões ligadas à produção de mercadorias. Os diversos agentes comparecem ao mercado como possuidores de estoques previamente determinados de mercadorias, e procuram, tomando preços como parâmetros de suas decisões sobre quanto comprar e vender, atuar segundo conveniências individuais expressas na forma de derivar o máximo possível de satisfação total (“utilidade”) permitida por seus orçamentos. Torna-se necessária a introdução de uma unidade de conta, uma mercadoria que é escolhida como “numéraire”, a partir do que as tentativas dos diferentes agentes econômicos, de variar as quantidades possuídas de modo a estabelecer a equalização dos valores de uso das diversas mercadorias (“rareté” ou “utilidades marginais”), gera as quantidades que cada agente deverá oferecer ou adquirir no mercado. Neste contexto, preços são apenas razões de troca entre cada mercadoria e o “numéraire”. A cada configuração de preços corresponde uma situação na qual existirão excedentes

¹⁰ Mais tarde incorporada nos *Éléments*.

de algumas mercadorias e escassez de outras. Impõe-se, então, a regra de que os preços de cada mercadoria relativos ao “numéraire” aumentarão sempre que houver falta da mercadoria para o agregado dos agentes e diminuirão sempre que o total disponível for inferior à soma das quantidades desejadas pelos agentes, aos preços anteriores. Esta é a formulação walrasiana da “lei da oferta e da procura”. O sistema de equações de demandas e ofertas excedentes estará em situação de equilíbrio geral quando a configuração de preços for tal que o equilíbrio de cada agente for compatível com a igualdade entre as quantidades oferecidas e demandadas em todos os mercados.

Apesar das notáveis diferenças de método entre os dois autores, afinidades já foram apontadas entre as abordagens de Walras e de seu contemporâneo Alfred Marshall (1842-1924). Segundo Hicks, por exemplo, a oposição entre a metodologia de “equilíbrio parcial” marshalliana (que consiste basicamente em analisar o mercado de cada bem em separado considerando dadas as condições prevalentes nos demais mercados), e a de “equilíbrio geral” walrasiano (que consiste em considerar explicitamente as interdependências entre os diversos mercados), deriva-se antes de uma “diferença de interesses que de técnica”¹¹. Para Hicks, “enquanto Walras buscava princípios gerais que comandam o funcionamento de uma economia de trocas, Marshall forjou um instrumento analítico capaz de aplicação mais imediata a problemas particulares da experiência histórica. No entanto, dado que os seguidores de Walras não podem se dar ao luxo de ser filósofos puros e os marshallianos têm seus momentos de reflexão, os dois sistemas inevitavelmente convergem à medida que passam os anos”.

As diferenças entre Marshall e Walras, entretanto, manifestam-se de forma mais profunda no que diz respeito às visões de cada um acerca do papel das construções teóricas em economia na fundamentação de doutrinas que orientem a formulação de políticas. É curioso observar-se que, apesar de ter sido estimulado por Walras a publicar, em 1873, suas “ilustrações diagramáticas dos problemas econômicos”, Marshall recusou-se a fazê-lo, por considerar apenas uma peça de trabalho abstrato. Estas ilustrações vieram a constituir o Livro V dos *Principles*¹². A respeito dessa passagem, o próprio Keynes, sempre apologético em relação a seu mestre, considera impressionante o pouco caso que Marshall faz da contribuição walrasiana, em seus *Principles*. De fato, verifica-se na principal obra de Marshall, o nome de Walras só é mencionado três vezes: em uma nota de rodapé à introdução do Livro IV, acerca do significado do trabalho como agente de produção, no apêndice E, acerca da definição de capital, e no apêndice I (parágrafo 3), sobre a teoria ricardiana do valor¹³

¹¹ Hicks, J. R. “Léon Walras”, *Econometrica*, vol. II (1934), pp. 339.

¹² Ver Keynes, J. M. “Alfred Marshall (1842-1924)”, in *Essays in Biograph*, W. W. Norton, N. York, 1951. Keynes cita um depoimento de Marshall a uma “German Compilation of Portraits and Short Lives of Leading Economists”, no qual Marshall afirma que o livro V, fruto do trabalho elogiado por Walras, serviu de núcleo para os *Principles*: “From that kernel, the present volume was extended gradually backwards and forwards, till it reached the form in which it was published in 1890” (p. 192).

¹³ Ver Marshall, A. *Principles of Economics*, Macmillan, Londres, 1948, 8ª edição, respectivamente pp. 138, 788 e 821. A obsessiva preocupação de Marshall em evitar o tom polêmico, bem como sua visível irritação com os ataques de Jevons

As consequências das diferentes atitudes diante da construção teórica em economia se fizeram sentir através dos anos, e podem em alguma medida, explicar como a obra de Walras veio adquirir a reputação de alta qualidade formal destituída de importância prática. Em sua resenha à tradução inglesa dos *Éléments*, Milton Friedman veicula a opinião de que a contribuição de Walras não tem conteúdo substantivo em si mesmo, constituindo apenas “um importante esquema analítico”¹⁴. Ao confrontar a abordagem de Walras com a de Cournot para o problema da interdependência entre os mercados, afirma que “[Walras] esvaziou o problema de Cournot de seu conteúdo empírico e produziu uma solução ‘em princípio’, ‘completa e rigorosa’ sem pretensão de que ela pudesse ser usada diretamente em cálculos numéricos”¹⁵. E prossegue: “Seu problema é de forma, não de conteúdo: é o de apresentar um quadro idealizado do sistema econômico não o de construir um aparato para análise de problemas concretos confirmando a visão transmitida mesmo por admiradores de Walras, como Schumpeter Jaffé, certamente o maior responsável pela divulgação da obra Walrasiana no mundo acadêmico anglo-saxão contemporâneo, ao criticar a comparação entre as teorias marshalliana e walrasiana da procura feita por Milton Friedman, afirma que quem lê Friedman, chega à impressão de que a “única preocupação de Walras era com atingir abstração, generalidade e elegância matemática”, enquanto Marshall procura “um aparato para a descoberta da verdade concreta”¹⁶.

A diferença de interesses no que concerne ao estudo do mecanismo de preços, entretanto, sublinha o contraste entre a preocupação de Marshall com a aplicabilidade imediata de seu esquema analítico para o exame da natureza dos incentivos de preços em mercados isolados, e a preocupação de Walras em construir uma base analítica sólida para entender o papel do mecanismo de preços na coordenação das atividades econômicas em diferentes mercados.

A construção walrasiana do equilíbrio geral entende, assim, o sistema de preços competitivos como um mecanismo de incentivos que promove a compatibilidade entre o resultado da ação do poder aquisitivo de cada agente econômico em busca de realizar seus objetivos individuais e as quantidades totais de recursos à disposição da sociedade.

Na economia de troca pura estes incentivos compatibilizam decisões derivadas de “disposições individuais a transacionar” (“dispositions à l’enchère”) com as limitações físicas impostas pela

a Mill e Ricardo, fazem do Apêndice I uma resposta quase que exclusivamente dirigida a Jevons. Dada a importância da visão de Walras sobre Ricardo (Parte VII, Lição 38 e 39 dos *Éléments*), Marshall menciona Walras apenas para desculpar-se por dirigir-se só a Jevons, alegando que “in England, at all events, it has attracted more attention than any other”.

¹⁴ Friedman, M. “Léon Walras and his Economic System”, *American Economic Review*, (Dezembro/1955), pp. 900-909. Depois de minimizar a contribuição de Walras no que diz respeito à introdução da utilidade marginal da procura, afirmando que “it is hard now for us to understand why this marginal utility should have been regarded as so vital and revolutionary...” com base no fato de que o modelo aditivo do consumidor não gera bens inferiores (crítica, aliás que também se aplica à construção marshalliana), Friedman dirige sua crítica ao equilíbrio geral walrasiano.

¹⁵ Friedman, *Op. Cit.*, p.901. Aspas no original. Tradução do autor.

¹⁶ Jaffé, W. “Nota do Tradutor”, a tradução inglesa dos *Éléments*. Jaffé refere-se no texto ao artigo clássico de Friedman, “The Marshallian Demand Curve”, *Journal of Political Economy*, Dezembro de 1949, pp.463- 495.

existência de estoques dados de mercadorias. Na parte IV, tal mecanismo é estendido ao subsistema de produção: as forças de conflito entre os diversos agentes produtivos ao competirem por recursos econômicos escassos determinam os preços destes recursos e o padrão de uso dos mesmos na atividade de produção das diversas mercadorias.

Neste particular, Walras apresenta ainda uma importante contribuição ao distinguir entre categorias de rendimentos que constituem “custo de produção” (aqueles cujas variações são importantes para estimular variações requeridas nas quantidades totais utilizadas na produção), e os rendimentos ditos “residuais”, correspondentes a recursos cuja oferta é independente da remuneração que comandam no mercado. Para estes últimos, os padrões de remuneração são determinados pela configuração de demandas prevalecentes nos mercados de produtos finais. Esta distinção é de fundamental importância também na teoria marshalliana de produção, constituindo a base da diferenciação entre as análises de “curto” e “longo” prazos, e compatibiliza a teoria ricardiana da renda com a noção de “curvas de oferta” marshallianas.

Os teóricos modernos reconhecem que Walras não ofereceu a solução completa para o problema da existência e uni cidade de um sistema de preços capaz de viabilizar as decisões individuais em um sistema de troca multilateral. As óbvias limitações decorrentes de insuficientes conhecimentos matemáticos para tratar a natureza complexa da estrutura do sistema de equações com que lidava, levou-o a simplificações cuja remoção têm ocupado economistas matemáticos nos últimos cinquenta anos pelo menos. A natureza eminentemente técnica de tais problemas, entretanto, não nos impede de reconhecer que sua análise dos fenômenos da troca pura constituem o ponto de partida obrigatório para a compreensão das falhas nos mecanismos de incentivos existentes nos mercados do mundo real. O papel coordenador dos preços competitivos, tomados como parâmetros nas decisões descentralizadas de agentes econômicos constitui, por exemplo, fonte de inspiração para as construções modernas baseadas nos fenômenos de dualidade nas técnicas de programação linear.

A dinâmica de preços utilizada por Walras é outro ponto que tem suscitado discussões modernas. Na lição 20 dos *Éléments*, Walras apresenta um método de determinação de preços de bens e serviços produtivos a partir de um recurso que lhe permite estudar a lógica do ajustamento de preços em mercados competitivos, sem que problemas gerados pela existência de transações globalmente inconsistentes, que ocorram na realidade, atrapalhem seu argumento. Walras supõe que uma coleção de preços para todas as mercadorias e serviços sejam inicialmente gerada de uma forma qualquer, mesmo aleatória (“criés au hasard”). Através de um artifício analítico, Walras faz a imagem de que os candidatos a comprar ou vender bens e serviços produtivos aos preços dados, manifestam suas intenções na forma de “contratos provisórios”, que ele próprio denomina de *bons*, e que só seriam cumpridos caso atendessem ao requisito de compatibilidade global entre quantidades oferecidas e demandadas de todos os bens.

Havendo sobra ou carência de algum bem ou serviço após as transações desejadas aos preços vigentes, os contratos seria considerados não válidos, e os preços dos bens em falta se elevariam e dos bens em excesso diminuiriam segundo a “lei da oferta e da procura”, e novos contratos seriam propostos até que se estabelecessem os requisitos de compatibilidade global. A este mecanismo de contratos virtuais sucessivos na determinação dos preços de equilíbrio, Walras, deu o nome de “tatonnement”, expressão que foi vulgarizada pelos livros de texto profissão. Ao popularizarem esta noção de aproximações sucessivas, seus seguidores criaram a figura de um “leiloeiro walrasiano”, cujo papel seria o de promover o reajuste dos preços com base nos contratos virtuais, só permitindo que as transações efetivamente se realizassem aos preços de equilíbrio.

Além de integrar a teoria da produção com a teoria dos mercados, os capítulos dos *Éléments* relativos à teoria da produção contribuíram para o esclarecimento de importantes questões básicas: neles, Walras identificou a semelhança formal entre a teoria neoclássica da produção e do consumo, antecipando uma unificação metodológica que só foi desenvolvida posteriormente, nas décadas de 1930 e 1940 com os trabalhos de John R. Hicks e Paul A. Samuelson¹⁷. Se o compararmos com Marshall também nestas questões, não podemos deixar de reconhecer, por exemplo, a clareza com que confere ao conceito de “lucros normais” o sentido de “custo de oportunidade do capital”, que só foi aparecer de forma explícita nas versões apresentadas por seus sucessores Pareto e K. Wicksell, responsáveis pela disseminação de muitos de seus ensinamentos.

Da mesma forma, as contribuições de Walras à teoria do capital são igualmente tão importantes para a moderna análise econômica quanto controvertidas. Sua abordagem é indiscutivelmente moderna, no que tange à teoria do capital fixo, e é até mesmo surpreendente, quando nos recordamos que a construção clássica de Bohm-Bawerck data de 1877, posterior, portanto, à primeira edição dos *Éléments*. Para Walras, o equilíbrio dos estoques de capital é de terminado pela equalização das relações entre os rendimentos e os preços dos respectivos bens de capital. A esta razão comum de nomina de “taux du revenu net” (taxa de rendimento líquido), que é determinada pela condição de que os preços dos bens de capital (novos) sejam iguais aos custos de produção. Em condições “normais” no mercado de crédito, a poupança determina a demanda por novos bens de capital. O investimento se distribui setorialmente de forma a que seja maximizada a “taxa de retorno líquido”.

As exposições posteriores da teoria do capital, especialmente as derivadas de Wicksell, certamente não lhe acrescentam muito enquanto lidam com problemas relacionados a capital fixo. A simplificação introduzida por Walras ao fazer com que a taxa de juros “real” se determine no mercado de bens “novos” pode ser perfeitamente compatibilizada com a construção Wickselliana, introduzindo-se os fundos de depreciação, do lado da oferta de fundos, e o mercado para reposição

¹⁷ Hicks, J. R. *Value and Capital*, Oxford University Press, 1939, e Samuelson, P. A. *Foundations of Economic Analysis*, Harvard University Press, Cambridge, EUA, 1947.

do estoque utilizado. Os defeitos básicos que subsistem são devidos essencialmente ao caráter estático do modelo walrasiano, e a reconstrução desse modelo feita por Morishima constitui uma ilustração evidente da atualidade da abordagem walrasiana para a matéria¹⁸.

No campo da teoria monetária, podemos identificar dois aspectos básicos da obra de Walras. No domínio da teoria pura (parte IV dos *Éléments*), certamente sua maior contribuição foi ter derivado, ainda que com imperfeições, a teoria da demanda por moeda como uma aplicação da teoria do consumidor. Deste ponto de vista, Walras identificou a necessidade de tratar a teoria monetária de forma integrada à teoria dos preços, iniciando uma linha de abordagem teórica que sobrevive na agenda de pesquisa até os nossos dias¹⁹. As deficiências essenciais de sua construção decorrem, como no caso da teoria do capital a cima mencionado, do caráter eminentemente estático do seu modelo. Neste caso, como observa o Prof. Morishima, apenas duas funções da moeda podem ser discutidas: a de unidade de conta e a de intermediário de trocas²⁰. É natural, assim, que Walras seja usualmente associado aos proponentes da teoria quantitativa da moeda, uma vez que as partes mais elaboradas e conhecidas de sua construção teórica dizem respeito ao modelo estático de equilíbrio geral.

O segundo aspecto básico da contribuição de Walras no campo da teoria monetária refere-se às suas proposições de política econômica. Estas se derivam, ainda segundo Morishima, da visão walrasiana do crescimento econômico contida na Parte VII dos *Éléments*. Não é por acaso que a parte VII tem como subtítulo “Crítica dos Sistemas de Economia Pura”, pois é precisamente ao considerar as “consequências do progresso econômico”, que a terceira função da moeda – a de reserva de valor, ou seja, a de permitir a transferência intertemporal de poder de compra, pode ser analisada. Neste contexto, sobrevivem interpretações frontalmente contraditórias sobre o pensamento walrasiano²¹. Segundo Morishima, a leitura mais apropriada da visão de Walras sobre o funcionamento de uma economia monetária consistente com a parte VII requer que se considere explicitamente a separação entre as decisões de poupar (dos capitalistas) e as decisões de investir (das firmas, ou “empresários”). Neste particular, Walras reconhece a possibilidade de que distúrbios na circulação monetária provoquem movimentos depressivos na economia sem que mecanismos automáticos de mercado provoquem a correção de curso para o pleno emprego, proposição frontalmente anti-monetarista. A prevalecer tal interpretação, Walras se aproximaria mais de Keynes do que dos “clássicos”, na terminologia keynesiana.

Contrariamente a este ponto de vista, Jaffé afirma que Morishima se apoia em evidência fragmentária da obra de Walras, em flagrante contradição com partes que “o próprio Walras

¹⁸ Morishima, M. (1977), Op. Cit.

¹⁹ Sobre este aspecto, veja-se, por exemplo, a interpretação da construção walrasiana em Patinkin, D., *Money, Interest and Prices*, 2ª edição, Row & Peterson, Evanston, EUA, 1965, pp. 451 a 472.

²⁰ Morishima, M. Op. Cit., p. 124.

²¹ Veja-se Jaffé, W., “On Interpreting Walras”, Op. Cit. e Morishima, M. “W. Jaffé on Léon Walras: A comment”, *ibidem*, pp. 550-558.

considerava mais importantes”.

Em defesa da interpretação moderna de Morishima, dois argumentos parecem ponderáveis: em primeiro lugar, os “aspectos dinâmicos” do modelo walrasiano constituem a parte menos elaborada e, por isso mesmo, mais insatisfatória do ponto de vista analítico, de sua contribuição. As contínuas modificações efetuadas pelo próprio Walras em edições sucessivas dos *Éléments* são um forte indício da insatisfação de Walras com a clareza de seus resultados nesta matéria. Em segundo lugar, mas igualmente importante, as posições de Walras no campo da política macroeconômica especialmente aquelas contidas nos *Études d’Economie Politique Appliquée* indicam, por exemplo, que sua defesa do bimetalismo estavam calcadas na convicção de que ao estado caberia regular a oferta de liquidez de forma a compensar tendências depressivas que ocasionalmente atingiriam a economia capitalista. Se bem que Walras não tenha sido capaz de elaborar uma teoria do ciclo econômico, uma simples passagem dos *Études* ilustra sua posição sobre a matéria: “Este sistema que confere ao Estado funções de moderador dos preços pelo exercício de uma ação sobre a quantidade de moeda é inteiramente contrário à tendência, atualmente dominante na economia política francesa, de fazer com que o Estado intervenha o menos possível. Eu não compartilho desta repulsa à intervenção do Estado e espero pacientemente que se faça recurso, nesta matéria, a definições rigorosas e demonstrações científicas e não a brincadeiras fúteis e facilmente rebatidas (como argumentos)”²². E mais adiante conclui: “A moeda é um assunto do Estado, e mais que isso, uma questão internacional e os Estados da União Latina fariam tão bem em se entender para prevenir crises monetárias quanto para se defender da cólera, se houver meios para tal”.

O fato de que Walras jamais tenha publicado uma “edição definitiva” dos *Études* serve de apoio adicional a Morishima, no sentido de que Walras não considerava completada a tarefa de embasar suas proposições de política econômica nessas matérias, de suficiente fundamentação, ou, na sua linguagem de “definições rigorosas e demonstrações científicas”.

As posições de Walras em assuntos de política econômica em geral e do papel do Estado na economia em particular acham-se dispersas por vários capítulos dos *Études d’Economie Politique Appliquée*, e contrastam fortemente com o estereótipo do não intervencionista veiculado pelos compêndios de história do pensamento econômico, pelo menos desde e inclusive Schumpeter. Torna-se difícil conciliar-se a imagem do fundador da escola de Lausanne com a ideia de que “o princípio do ‘laissez-faire, laissez-passer’ não é mais a fórmula universal aceita e proclamada pela teoria da produção da riqueza. Há economistas que transformaram esta regra simples de utilidade prática em princípio de moral social”²³. O reconhecimento explícito em várias passagens dos *Études*, de que elementos de justiça social devem necessariamente acompanhar argumentos de eficiência quando

²² Walras, *Études*, Op. Cit., p. 11. Tradução do autor.

²³ Walras, *ibidem*, p. 72.

discutimos problemas práticos relacionados com a ação do Estado, fazem de Walras um importante precursor das abordagens contemporâneas da Teoria do Bem Estar Social. Mesmo o leitor dos *Éléments* é exposto, na parte VIII, a ideias que soam bem modernas acerca dos efeitos distorsivos que a existência de monopólios implica sobre a eficiência econômica, bem como acerca da necessidade de se projetar um sistema de impostos que minimizem os efeitos negativos sobre os incentivos que operam via preços de mercado e conciliem objetivos de equidade, isto é, de distribuição de bem estar social com os de eficiência. Sua insegurança analítica nestes assuntos parecem derivar-se diretamente do fato de que não foi capaz de apresentar um conceito operacional de eficiência social, que devemos ao seu sucessor Pareto, e, muito menos de um esquema analítico que permitisse tratar questões complexas ligadas à noção de bem-estar social.

IV. O Legado de Walras

As críticas de Walras contra os chamados “socialistas utópicos” concentram-se, a exemplo de Marx, no caráter não científico de suas análises. Ainda nos *Études*, vocifera: “o socialista é um homem que denigre, sem os conhecer, todos os autores que não souberam, de um só golpe, começar a ciência e a encerrar”. E prossegue, referindo-se especificamente a Saint Simon, Fourier e Proudhon: “eles possuem seguidores e discípulos mas não têm mestres; e porque não quiseram ter ancestrais, não deixarão senão uma posteridade limitada e efêmera”.

O trabalho paciente e muitas vezes frustrante que consumiu toda a sua vida de “scholar”, devotada à busca de base científica às proposições de política econômica e de reforma social, certamente produziu frutos. Os estigmas de obscuridade, excessiva formalização matemática e defesa inconsútil do sistema capitalista, que ainda prevalecem na opinião desinformada da maioria dos comentaristas contemporâneos, não sobrevivem, a um trabalho de inspeção, ainda que superficial, do conjunto de sua obra.

Se o uso do cálculo diferencial em modelos econômicos elementares constituiu um importante obstáculo para que Walras obtivesse de seus contemporâneos franceses o reconhecimento da profundidade de sua obra e do caráter sistêmico de sua visão do mundo econômico, foi ao mesmo tempo o rigor científico com que procurou tratar, com os instrumentos de que dispunha, de questões de princípio da análise econômica, que lhe garantiu lugar de destaque entre os fundadores da moderna análise econômica. Sua obra, a exemplo da de Cournot, insere-se entre as contribuições permanentes, que as gerações futuras de economistas ainda consultarão.

A partir da década de trinta, Oskar Lange, revivendo o interesse em uma até então relativamente

obscura contribuição do walrasiano Enrico Barone²⁴, chamou a atenção para a relevância do equilíbrio geral competitivo para a compreensão dos mecanismos de formação de preços em um sistema de planejamento descentralizado em uma economia socialista. A partir de então, a chamada “Teoria Econômica do Socialismo” só não livrou o sistema walrasiano de seu estigma “reacionário” para aqueles que consideram o pensamento analítico incompatível com os ideais de progresso social²⁵.

Com o advento da então chamada “nova teoria do bem estar” de Bergson e Samuelson, o sistema walrasiano foi definitivamente consagrado como o instrumento do estudo analítico das formas e bases racionais da intervenção do Estado na vida econômica, a partir da separação analítica entre considerações de eficiência social e objetivos relacionados à distribuição do bem-estar entre os componentes da sociedade²⁶.

A construção walrasiana teve ainda importantes consequências de inegável relevância prática e teórica. O desenvolvimento de modelos lineares, a partir das contribuições de Leontief e seus discípulos, gerou as técnicas da chamada “análise de insumo-produto”, instrumentos de larga aplicação em estudos de planejamento global e setorial, de extrema relevância para o estudo das tensões setoriais associadas a metas de expansão definidas a nível agregado. No plano do desenvolvimento teórico, sua influência sobre as construções modernas a partir dos trabalhos pioneiros de Dmitriev e do próprio Leontief é difícil de ser exagerada. A simples menção de nomes como Tjalling Koopmans, Paul Samuelson, John Hicks, Nicholas Georgescu-Roegen, Piero Sraffa, Frank Hahn, Kenneth Arrow, Gerard Debreu, Janos Kornai, para citar alguns dentre os mais ilustres herdeiros da abordagem walrasiana, atesta a extensão de sua influência na formação do pensamento econômico contemporâneo.

Em recente artigo introdutório à economia dos incentivos, uma das mais importantes fronteiras de pesquisa teórica, o Professor Hugo Sonnenschein, da Universidade de Princeton (EUA), escreveu:

“A economia é o estudo do equilíbrio social que resulta do comportamento aquisitivo de vários agentes com objetivos em conflito. Adam Smith nos ensinou a considerar cuidadosamente a possibilidade de que o comportamento egoísta poderia, de alguma forma, promover o bem social. Marx reconheceu as conquistas iniciais do capitalismo mas acreditou que a propriedade do capital e seu direcionamento por um número relativamente pequeno de capitalistas em busca do lucro levaria à depressão de severidade crescente e eventualmente ao colapso do próprio capitalismo. Walras propôs uma detalhada teoria matemática do que significa para um agente atuar em benefício próprio, e usou esta teoria para explicar o valor relativo dos bens e serviços. Pareto nos ajudou a compreender o significado de uma utilização socialmente eficiente de

²⁴ Barone, E., “Il Ministro della Produzione nello Stato Collettivista”, *Gionarle degli Economisti* (1980), pp. 267-293 e 391-344.

²⁵ Lange, O. “On the Economic Theory of Socialism”, *Review of Economic Studies*, vols. 1 e 3 (outubro de 1936 e fevereiro de 1937).

²⁶ Bergson, A. “A Reformulation of Certain Aspects of Welfare Economics”, *Quarterly Journal of Economics*, vol. VII (1938), pp. 310-334, Samuelson, P. A. (1947), Op. Cit.

recursos, e a moderna teoria do bem-estar, em particular tal como incorporada no trabalho de Kenneth Arrow, fornece um tratamento rigoroso da relação entre os resultados do interesse individual e a eficiência social definida por Pareto”²⁷.

Parece estar longe o dia em que o conhecimento das formas factíveis de organização social, que permitam satisfazer os requisitos de cooperação coletiva para os objetivos sociais e de liberdade de escolha para os agentes individuais, possa servir de base científica para a solução dos conflitos desagregadores do tecido social, preservando os requisitos de espaço para a criatividade, exigidos pela diversidade intrínseca à própria noção de individualidade. Até lá, a agenda de pesquisa e reflexão dos economistas estará ocupada por desafios derivados dos próprios conflitos entre os valores individuais e o interesse coletivo. A contribuição metodológica de Walras para a compreensão da natureza e implicações sociais dos incentivos econômicos ocupará sempre um lugar de destaque no árduo caminho que leva da construção científica à prática da reforma social.

²⁷ Sonnenschein, H. “The Economics of Incentives, An Introductory Account”, mimeo, Princeton University, agosto de 1982.